

VANZOLINI PROCLAMA AUTONOMIA, MAS SEGUE ABUSANDO DA USP

Ana Maria Barbour e José Chrispiniano
Jornalistas

Em setembro de 2001, a *Revista Adusp* 23 publicou uma extensa matéria sobre a Fundação Vanzolini (FCAV), noticiando as receitas que obteve com projetos vários, sua atuação como entidade certificadora conveniada pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro), e os baixos percentuais de repasse à USP, relativamente aos valores auferidos. Os dados não puderam ser refutados: provinham da própria fundação, arquivados na Pro-

motoria de Fundações da capital, e da Escola Politécnica.

Ao retomarmos o assunto, impressiona a independência cada vez maior da Vanzolini em relação à USP. Cinco anos atrás seu presidente, professor Afonso Fleury, hoje chefe do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica, atendia a reportagem pessoalmente. Dizia: “Estão achando que quem está na Vanzolini, quem está nas fundações, não é USP, e minha camisa é USP”. Hoje, o diretor da Escola Politécnica, professor Ivan Falei-

ros, recusa-se a liberar os números de repasse da fundação para a universidade, alegando tratar-se de entidade privada. Já o atual diretor-presidente da fundação, professor Gregório Bouer, só aceitou ser entrevistado por e-mail (após três meses da solicitação da *Revista Adusp*), mesmo assim, mediado pela assessoria de imprensa contratada pela Vanzolini.

Se antes a fundação justificava sua existência por seu apoio ao Departamento de Engenharia de Produção — com o qual mantém uma relação quase simbiótica, não



Fundação que privatizou o Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica vem alugando quatro andares de um prédio na Avenida Paulista (a um custo mensal de 60 mil reais) nos quais oferece cursos pagos. A entidade pratica discurso de independência frente à USP, contraditório na medida em que continua ocupando amplas dependências da universidade, recrutando seus professores e valendo-se de suas referências simbólicas

se sabendo onde começa uma e onde termina o outro — cada vez mais o discurso é o de entidade privada independente, de relacionamento meramente formal reduzido ao pagamento de taxas e no qual caberia pouco controle ou prestação de contas à comunidade universitária.

Segundo o professor Bouer, “a Fundação Vanzolini poderia realizar cursos com outras instituições também credenciadas no MEC, porém entende que a parceria com a USP aproxima nossos alunos com o que há de melhor em

desenvolvimento científico e excelência acadêmica”. Sendo assim, a fundação, surgida para apoiar o Departamento de Engenharia de Produção, hoje entende que a parceria com a USP nos cursos, seu principal filão de atividades, é opcional e interessante por privilegiar “nossos alunos”, isto é, seus alunos, os de seus cursos pagos, e não a universidade.

A Vanzolini deixa claro: não é USP, e seu sítio na Internet não diz que seu objetivo é apoiar esta universidade pública. O símbolo físico desta emancipação da

entidade privada em direção ao “mercado” de cursos *in company* e *Master of Business Administration* são os quatro andares — com 13 salas de aula projetadas para comportar 35 alunos cada uma — ocupados pela fundação em um prédio na Avenida Paulista, um dos dois imóveis fora da Cidade Universitária onde ela mantém atividades. Aluguel e condomínio do espaço ocupado pela Vanzolini, de acordo com os valores fornecidos pela imobiliária que aluga os andares, consomem cerca de R\$ 60 mil mensais.

No período noturno, a fundação ocupa as salas do próprio Departamento para suas atividades. As mesmas da graduação e pós-graduação, mas reformadas para atender ao sofisticado padrão dos alunos dos cursos de especialização



Professor Bauer, presidente da FCAV



Professor Faleiros, diretor da Poli

Mas por trás deste discurso de entidade à parte, torna-se cada vez mais ambígua e complexa a relação de co-dependência entre universidade e fundação, em um “novo modelo” instituído na prática, mas não formalizado, de financiamento e carreira acadêmica “mista”. No período noturno, a fundação ocupa as salas do próprio Departamento de Engenharia de Produção para suas atividades. As mesmas salas dos alunos de graduação e pós-graduação, mas que foram reformadas e têm equipamentos de apoio adquiridos pela Vanzolini. O objetivo disso tudo é atender ao sofisticado padrão dos alunos dos cursos de especialização, que têm direito até a pausas para *coffee-break*.

A Vanzolini é apresentada de forma oficial para os alunos da graduação, isto é, os estudantes da USP. “Todos, quando saem do ciclo básico, vêem um vídeo sobre a fundação. Eles tiveram umas duas horas para

se apresentar para a classe”, conta Daniel Carneiro Donadel, representante discente na Congregação da Escola Politécnica, e aluno do curso de Engenharia de Produção.

Estampados em anúncios nos jornais, os logotipos e nomes da Escola Politécnica e da Universidade de São Paulo seguem como chamariz. É a USP também que emite o certificado dos cursos *lato sensu* e hospeda o sítio para inscrições (**vide reprodução de anúncio na p.58**). Finalmente, a lista de docentes na página eletrônica da Vanzolini é idêntica à do Departamento de Engenharia de Produção. Deduz-se da leitura que simplesmente *todos* os seus professores participam da fundação, constituindo um caso de completa privatização de departamento de uma universidade pública.

Apesar das inúmeras solicitações que a reportagem fez à Escola Politécnica e à Vanzolini sobre o valor dos repasses feitos à universidade, uma e outra recusaram-se a fornecer os dados. Neste sentido,

a direção da unidade regrediu na gestão do professor Faleiros, pois cinco anos atrás o professor Antonio Massola (que é ligado a pelo menos duas fundações, FDTE e Fusp) informou os valores referentes aos repasses.

A Vanzolini recusa o termo “complementação salarial”, quando se fala nos recursos que paga aos docentes. Da mesma forma se manifesta o diretor da Poli, para quem o termo induz a um “pensamento incorreto” sobre a remuneração obtida pelos docentes nas atividades ligadas à fundação. “Não se trata de complementação salarial”, afirma Faleiros.

“O docente que tem que fazer em RDIDP (dedicação integral), tem que fazer tudo que qualquer docente faz, e além disso está disposto a atividades extras que não contam para o mérito acadêmico dele, que não contam para a carreira. Não é complementação”, sustenta. “É alguém que ao invés de trabalhar 8 horas por dia, trabalha 12, pelas quais ele recebe um adicional”.

RECEITAS CRESCEM 350% ENTRE 2000 E 2005, ALCANÇANDO R\$ 43,9 MILHÕES

Os números disponíveis em www.vanzolini.org.br/impresionam. As receitas da Fundação Vanzolini cresceram 350% em valores nominais entre 2000 e 2005, passando de R\$ 12,5 milhões para R\$ 43,9 milhões. Se considerarmos o intervalo entre 2000 e 2004, ano em que a receita foi de R\$ 63,4 milhões, o crescimento nominal foi ainda maior, da ordem de 500%.

Isso faz da Vanzolini uma instituição privada de porte equivalente ao da Fundação Instituto de Administração (FIA) em termos de receitas mensais, o que explicaria o elevado investimento feito por ela na Avenida Paulista — um dispêndio anual de 720 mil reais apenas em aluguel e condomínio.

A série iniciada em 2001 mostra crescimento exponencial da receita: R\$ 18,97 milhões em 2001, R\$ 29,42 milhões em 2002, R\$ 37,03 milhões em 2003. Após o momento de pico em 2004, quando alcança R\$

Receitas e superávites da Vanzolini em R\$: 2001-2005

	2001	2002	2003	2004	2005
Receitas*	18.977.776	29.425.400	37.039.164	63.425.494	43.959.073
Superávites	882.098	3.974.676	3.788.010	5.882.625	2.211.101

*Soma das rubricas "Prestação de Serviços" e "Receitas financeiras".
Fonte: Fundação Vanzolini, "Demonstrações de Superávit".

63,42 milhões, a receita cai no ano seguinte para R\$ 43,95 milhões, ainda assim num patamar superior a 2003. As receitas auferidas no período 2001-2005 somam nada menos do que R\$ 192.826.907. O total do período 2000-2005 alcança R\$ 205 milhões.

É provável que tais receitas reflitam, em parte, o gerenciamento de recursos vultosos em projetos contratados pelo poder público, dos quais a fundação retém um percentual relativamente pequeno. Mas os superávites obtidos também são elevados, situando-se pouco abaixo de R\$ 4 milhões em 2002 e 2003, e próximo de R\$ 6 milhões em 2004.

O total acumulado de superávites no período é bastante expressivo para uma entidade dita "sem fins lucrativos": R\$ 16.738.510.

As cifras indicam que a Vanzolini passou de entidade "de apoio" a organização de moldes empresariais de absoluto sucesso, obtendo índices de rentabilidade certamente raros de encontrar mesmo entre os segmentos mais lucrativos da economia. Por essa razão, é intrigante saber que tanto a fundação quanto a Escola Politécnica recusam-se a fornecer os valores referentes aos repasses financeiros obrigatórios realizados desde 2001.

A Vanzolini oferece atualmente 11 cursos de pós-graduação lato sensu. Com mensalidades em torno de R\$ 1.400, em apenas um ano uma única turma rende à entidade cerca de R\$ 724 mil

Quando este *adicional* de cursos e prestação de serviços representa em relação ao defasado salário da universidade, e quanto cada docente recebe pelas horas-aula dadas em cursos pagos depende do valor (de mercado) das atividades efetuadas por cada um. Mas a fundação não fornece os dados de quanto paga aos docentes. De acordo com o sítio da Vanzolini, sabemos que ela oferece atualmente 11 cursos de pós-graduação

lato sensu. Cada turma é composta por cerca de 40 alunos e as mensalidades giram em torno de R\$ 1.400. Sendo assim, em apenas um ano uma classe de um único curso rende à entidade cerca de R\$ 724 mil. Considerando ainda que há uma exigência de que 50% dos professores destes cursos sejam da USP, é difícil imaginar que a remuneração *adicional* destes profissionais fique abaixo do salário da universidade.

Como isso afeta a isonomia, e a própria relação destes docentes com a instituição, não é visto como um problema por Faleiros, mas como um fato consumado. “Não seria interessante termos um sistema que premiasse diferentes atividades, diferentes capacidades, inteligências? Sempre que a gente nivela, nivela pela média ou por baixo. Os que são a exceção positiva acabam ficando desencorajados se a gente nivelar tudo. E a própria disposição de trabalhar mais para conseguir pagar a casa mais depressa tem que ser respeitada”.

Sobre este “esforço extra” estar canalizado nas fundações e não na própria USP, o diretor da Escola Politécnica considera que o problema é o engessamento da carreira docente: “Na universidade, você pode trabalhar mais, mas não vai ganhar mais por isso. Então você está atendendo uma demanda — justa, injusta, chame como quiser, mas tem gente disposta a trabalhar mais, naquilo em que tem competência, que o mercado reconhece. No caso das fundações há muito mercado, portanto tem o seu valor, se não for por este meio ele não consegue tirar algo a mais”.

Sobre o risco de estas atividades sobrecarregarem os docentes, Faleiros considera que o tema “está regulamentado pela CERT”, cabendo à unidade “ter um controle sobre a dedicação do docente nas suas atividades aqui e sobre a licença para exercer atividades além destas e pelas quais ele pode ser remunerado”.

A Vanzolini, por sua vez, argu-

menta que a maior parte dos docentes engajados nas suas atividades não está vinculada ao regime de tempo integral da USP. “Com isso consegue cumprir a crescente atividade da fundação na modalidade formação continuada permanente”, comenta o presidente Bouer.

O representante discente na Congregação queixa-se das aulas ministradas por alguns docentes na Poli, influenciadas pelo tipo de curso oferecido na fundação, “mais básico, mais prático, para satisfazer o cliente”

O representante discente Donadel queixa-se das aulas ministradas por alguns professores, que estariam muito influenciadas e condicionadas pelo tipo de curso oferecido pela fundação. De acordo com ele, “é muito raro você ver um politécnico fazendo curso da Vanzolini”, pois o nível das aulas seria inferior ao melhor padrão da Escola Politécnica. “É um curso mais básico, com ritmo mais fraco do que a graduação da Poli, passo-a-passo para administrador, para satisfazer o

ESPECIALIZAÇÃO FUN

CONQUISTE SUA POSIÇÃO E

Tradicionalmente reconhecida assumem posições de destaque da Fundação Vanzolini, em conjunto com a USP, há 28 anos proporcionando cursos ministrados por experientes docentes.

Cursos de Especialização e MBA altamente competitivos, sediados na Cidade Universitária ou na Avenida Paulista, em formato “In Company”:

CEAI - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
Este curso já preparou mais de 11 mil profissionais para cargos nacionais e multinacionais. É a opção ideal para quem quer comandar qualquer equipe.
Inscrições até 28 de julho

CEAS - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
Capacita o profissional a compreender a empresa por dentro através da integração e do aperfeiçoamento das funções.
Inscrições até 19 de agosto

CEGP-TI - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
Foca o aprendizado de métodos, técnicas e ferramentas na área de T.I., formando profissionais de desenvolvimento e operação de sistemas, com habilidades para condicionar o processo produtivo.
Inscrições até 12 de julho

Fundação Vanzolini

ESCOLA POLITÉCNICA
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Informações: www.poli.usp.br/pr
Tels.: (11) 3814-7366 - ramais: 3000

Folha de S.Paulo, 9/7/2006

FUNDAÇÃO VANZOLINI



O PREPARO PARA MANTÊ-LA.

por preparar profissionais que
ue, a pós-graduação lato sensu
vênio com a Escola Politécnica
ciona programas atualizados,
centes e especialistas.

nceituados e focados no mercado,
la Paulista e também oferecidos no

ADMINISTRAÇÃO INDUSTRIAL

ais para destacarem-se em organizações
construir uma carreira sólida e poder

ADMINISTRAÇÃO DE SERVIÇOS

estadora de serviços de forma sistêmica,
ções de gestão e operação.

GESTÃO DE PROJETOS EM TI

tas de gestão de projetos aplicados à
nto, manutenção, implantação, suporte
uzir inovações.

USP
UNIVERSIDADE DE
SÃO PAULO

DA USP

/especializacao

/392/424/479

cliente, mais prático. E alguns professores que dão aula na Vanzolini perdem o ritmo do politécnico. São casos mais pontuais, mas que os alunos sentem”. Para Faleiros, o sistema de avaliação próprio da unidade, com participação dos discentes, existe para dar conta deste tipo de problema.

Outras diferenças são sentidas na Escola Politécnica, relata Donadel, em razão da presença da fundação: “Toda sala de aula tem uma infraestrutura diferente do resto da Poli”. Em vez da Engenharia Mecânica, por exemplo, com seu “monte de cadeiras de madeira estouradas” e velhos retro-projetores carregados pelos próprios professores, a Engenharia de Produção exhibe mesas individuais, computador, projetor, vídeo, som, tela de projeção. “Eles dão a aula aqui. E para quem faz os cursos de especialização, que paga caro, isso é o mínimo”.

Faleiros minimiza o problema, dizendo que a infraestrutura é precária apenas nas salas do ciclo básico. Por conta de questões como essa, a fundação é bem vista pelos alunos do Departamento. “A Vanzolini patrocina algumas atividades do Centro Acadêmico, um churrasco, a ida ao Encontro Nacional da Engenharia de Produção — subsidia a viagem. Essa é a parte boa, que todo mundo adora. O lado ruim é que dentro da Produção eu sinto que os professores

estão ocupadíssimos, e a fundação ocupa o tempo dos professores que poderiam preparar melhor a aula”, considera Donadel. “Isso não é notado pela maioria dos alunos. A maioria não sabe muito sobre fundações”.

Sobre algumas das suas áreas de atuação, a Vanzolini considera que sequer cabe à universidade saber alguma coisa. Questionada sobre os recursos obtidos com certificação como entidade credenciada pelo Inmetro, uma importante fonte de receitas, respondeu apenas que esta “não é uma atividade ou um projeto feito em parceria com a Universidade de São Paulo”, e por essa razão “tem tratamento diverso, funcionando de acordo com as regras relacionadas às atividades de certificação e acreditação de forma autônoma”.

Entretanto, em resposta anterior, de 12 de abril de 2006, a assessoria de imprensa da fundação informou que “a gestão da certificação é feita por um professor doutor da USP, que responde ao conselho curador da FCAV”. Conselho curador que também é formado por docentes da USP, como, aliás, é a própria fundação, que ainda assim tem atividades “sem parceria”, “independentes” da universidade.

Enquanto a Vanzolini se vê independente da Escola Politécnica, esta se enxerga cada vez mais dependente da fundação. Para o diretor Faleiros, a Vanzolini é um meio de gerir recursos. “Se eu fosse gerir estes recursos com funcionários nossos eu precisaria de mais funcionários. Agora, eu não consigo justificar funcionários ‘para gerir

recursos'. Eu tenho vários cursos e projetos de pesquisa que são geridos diretamente pela escola. É uma fração pequena em relação ao total. Por quê? Porque eu tenho poucos recursos nas nossas tesourarias e contas para gerir uma massa enorme de projetos. Usar as fundações tem um preço. Nós pagamos às fundações uma parte dos projetos, com as taxas de administração exigidas por elas". Faleiros conta que existem hoje 600 projetos de pesquisa na unidade, número que compreende tanto os financiados pelo governo como aqueles mantidos por recursos privados.

O uso, durante a noite, de salas e docentes do Departamento, em cursos muito bem pagos, não inibe a criação, nesse período, de vagas de graduação públicas e gratuitas? Atualmente, a Poli não oferece cursos noturnos

A remuneração *adicional* proporcionada aos professores pela Vanzolini também é vista como importante para manter talentos ligados à universidade, em uma área em que os salários na iniciativa privada ou em universidades estrangeiras são muito maiores do que os oferecidos pela carreira aca-

dêmica na USP: "Como você segura um cérebro de gênio? Você pode trabalhar em Stanford e ganhar 180 mil dólares por ano. Nós temos casos desses. O mundo é o mundo", filosofa o professor Faleiros.

O crescimento da presença da Vanzolini — que, criada em 1967, recebeu um forte impulso nas décadas de 1980 e 1990, beneficiando-se da delegação do Inmetro e de contratações sem licitação com o poder público — levanta a questão de quanto a interação universidade-mercado pode vir a afetar negativamente o Departamento de Produção e a Escola Politécnica. Haveria menor interesse em dedicar-se à docência em regime integral, para poder-se ganhar mais com a fundação? Existe um direcionamento nas atividades de pesquisa para se aproveitar dos trabalhos encomendados pelo mercado?

Ou ainda: tal engajamento não desconecta estes docentes das condições de trabalho dos seus colegas que não podem, ou não querem recorrer a uma fundação? Como, todos os docentes de um departamento, sem exceção, pertencem à fundação? Que poder seus interesses exercem, na medida em que o departamento inteiro está ligado a ela, por laços financeiros? A reportagem questionou, especificamente, se o uso, durante a noite, de salas e docentes do departamento, em cursos muito bem pagos, não inibiria a criação de vagas de graduação, públicas e gratuitas, no mesmo período. Atualmente, a Escola Politécnica não oferece cursos noturnos, o que

certamente dificulta o acesso à universidade pública.

A mesma fundação que considera que os docentes em regime parcial dão conta de múltiplas atividades pensa, contudo, que "ampliar o número de vagas noturnas implicaria a contratação de um maior número de docentes pela Universidade". Além disso, ainda segundo Bouer, o assunto "está fora do alcance das decisões" da entidade.

"A discussão sobre ter cursos de engenharia jamais chegou a um consenso de 'sim, queremos ter curso noturno de engenharia na Escola Politécnica'. Já houve discussão, mas nunca uma conclusão nesse sentido", informa o diretor Faleiros, enveredando por uma argumentação intrigante: "A Reitoria está sempre preocupada em oferecer mais vagas. Não sei se a Poli consegue fornecer mais vagas. Eu acho preferível, se é para oferecer mais vagas em engenharia, aumentar o número de escolas de engenharia na universidade".

O representante dos alunos também questiona uma eventual desvinculação entre a fundação e a universidade. "Eu quero saber se meus professores estão dando aula na Paulista além daqui. Eu ficaria chateado. Eu não sou totalmente contra, mas a fundação vem, faz seu nome, cresce, cresce, hoje está aqui e amanhã pode estar fora. É que nem o Cursinho da Poli, que cresceu, cresceu e saiu daqui. Não sou radical, acho que tem que se encontrar um meio termo. Não vejo no que um prédio na Paulista traz algum benefício para a USP", conclui Donadel.